

# SEREIS COMO DEUSES: UMA ANÁLISE DO ANTROPOCENTRISMO NOS TEMPOS FINAIS BASEADA NA OBRA EL FIN DE LOS TIEMPOS Y SIETE AUTORES MODERNOS, DE ALFREDO SÁENZ

Airton Vieira de Souza<sup>179</sup>  
Celi Oliveira Magalhães Freire<sup>180</sup>  
Frei Flávio Nolêto<sup>181</sup>

## RESUMO

Entre os vários matizes que constituirão o cenário do Fim dos Tempos, um deles traz em seu bojo a retomada em máximo grau do Antropocentrismo. O presente artigo, visando a fornecer elementos à compreensão basilar da cosmovisão antropocêntrica no contexto escatológico, se serviu, de forma especial, da obra *El fin de los tiempos y siete autores modernos*, de Alfredo Sáenz. Para tal, primeiro se fez uma breve apresentação do autor, da obra e do tema em pauta. Em seguida, como o viés antropocêntrico foi abordado na referida obra, pontualmente em cada um dos autores analisados por Sáenz. Após, pelas Escrituras, a Tradição e o Magistério, como se manifestará, no fim dos tempos, este espírito de *non serviam*, expresso na rejeição às leis divina e natural, do qual o pensamento liberal ou simplesmente liberalismo é seu máximo expoente. A isto se acrescentou exemplos de teorias responsáveis por dar embasamento e incentivo a essa cosmovisão, cujos efeitos práticos hoje sentidos podem ser interpretados quiçá como precedentes dos sinais dos tempos mencionados no Evangelho (cf. Mt 24, 4-8). As considerações finais vêm no intuito de deixar abertas as portas aos necessários desdobramentos.

**Palavras-chave:** Antropocentrismo. Fim dos Tempos. Doutrina. Escatologia. Teologia. Filosofia.

## INTRODUÇÃO

Antes da vinda de Cristo, a Igreja passará por uma prova final, que abalará a fé de numerosos crentes. A perseguição, que acompanha a sua peregrinação na Terra, porá a descoberto o “mistério da iniquidade”, sob a forma duma impostura religiosa, que trará aos homens uma solução aparente para os seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A suprema impostura religiosa é a do Anticristo, isto é, dum pseudo-messianismo em que o homem se

---

<sup>179</sup>Licenciado em Letras com habilitação em espanhol pela UERR; Especialização em Teologia Bíblica pela Faculdade Católica de Anápolis. E-mail: tonvi68@gmail.com

<sup>180</sup>Licenciada em Pedagogia pela UNOPAR; Especialização em Psicopedagogia pela FUNPAC; Especialização em Teologia Bíblica pela Faculdade Católica de Anápolis. E-mail: celi\_magalhaes@hotmail.com

<sup>181</sup>Orientador: Bacharelado em Teologia pela PUC Goiás; Licenciado em Filosofia pela PUC Goiás; Especialização em Psicopedagogia pela Unievangélica de Anápolis; Especialização em Gestão Escolar pela Fae Business School; mestrado em Ciencias de laEducación pela Universidade de Extremadura e doutorado em Ciencias da Educação pela Universidade de Extremadura; doutorado em Ciencias de laeducación pela Universidad Americana en Asunción. Professor da Faculdade Católica de Anápolis. E-mail: flavionoleto@hotmail.com

glorifica a si mesmo, substituindo-se a Deus e ao Messias Encarnado (CIC, 675).

Entre os vários matizes que constituirão o cenário do Fim dos Tempos, um deles traz em seu bojo a retomada em máximo grau do Antropocentrismo. Como entender este matiz antropocêntrico: suas origens, características e manifestação na sociedade hodierna, à luz da obra de Alfredo Sáenz S.J.: *El fin de lostiempos y siete autores modernos?*

Em uma de suas referências ao Anticristo, São Paulo (cf. 2 Tes 2, 3) classifica-o como ἄνθρωπος τῆς ἀνομίας - *anthrōpostēs anomias*, o Homem sem lei. Tal epíteto remete à condição humana a partir da Queda Original (cf. Gên 3), quando pela primeira vez o *Antropos*, ecoando o *Non serviam!* (Não servirei!) luciferiano, opta por independe-se da lei divina ao erigir-se o centro. Expulso do paraíso terrestre, compromete sua visão transcendente, mergulhando na imanência que o conduzirá, ora em diante, à busca de uma terra paradisíaca eterna, a se renovar indefinidamente graças ao conhecimento (gnose) de sua razão iluminada, permeando e influenciando em toda a História desde então. Mas, ao pretender a criatura rivalizar com o Criador, este, como dirá Thibon, parecerá retirar-se, deixando aquela à sua própria sorte para que perceba aonde a conduzirá a soberba decisão.

Dois milênios após a entrada, na História, deste “Verbo Divino [que] se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14), a rivalidade ainda persiste, com o homem tentando provar a “ilimitação de sua contingência”, o que, paradoxalmente acabará por aviltá-lo a níveis até então impensados. Exemplo disto, de um lado, são as cidadanias e outros direitos humanos que vêm sendo conferidos por parte de governos a máquinas robóticas (sic!). De outro, o nivelamento da dignidade humana ao plano animal e vegetal, incluso o inanimado. Fatos dificilmente credíveis salvo se já não fossem alertados pelas próprias Escrituras (cf. Sl 32; Rm 1), para ficar nelas.

No intuito de contribuir com este debate, o presente artigo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, utilizando como suporte basilar a obra *El fin de lostiempos y siete autores modernos*, de Alfredo Sáenz (2008). Quanto à modalidade, a pesquisa foi ao mesmo tempo exploratória, teórica e bibliográfica; quanto ao objetivo, exploratória e descritiva; e quanto à forma de abordagem, qualitativa.

Para seu desenvolvimento, fez-se primeiramente uma breve apresentação do autor, da obra e do tema em pauta. Em seguida, como foi abordado este viés antropocêntrico característico do homem decaído na referida obra, pontual e sucintamente em cada um dos autores analisados por Sáenz. Após, pelas Escrituras, a Tradição e o Magistério, como se manifestará, no fim dos tempos, este espírito de *non serviam*, traduzido em uma aversão às

leis divina e natural, do qual o pensamento liberal ou simplesmente liberalismo (ROUSSEL, 2012) é seu expoente máximo, contendo em si o germe do desejo primevo de endeusamento da criatura expresso em uma liberdade para além dos limites contingenciais. A isto foram apostos exemplos de teorias que embasem e incentivam este pensamento, cujos efeitos hoje sentidos podem ser interpretados como precedentes àqueles citados no Evangelho como os do princípio das dores (cf. Mt 24, 4-8), da apostasia final (cf. 2 Tes 2) ou dos selos apocalípticos. Por fim, foram expostas as considerações finais no intuito de deixar as portas abertas ao debate.

## O AUTOR, A OBRA, O TEMA

### O autor

Alfredo Sáenz, S.J., (1932-) é natural de Buenos Aires, Argentina. Licenciado em Filosofia e Doutor em Teologia com especialização em Sagradas Escrituras pela Universidade Santo Anselmo de Roma. Autor de mais de uma centena de artigos e de aproximadamente 80 títulos entre os quais uma série sobre a História da Igreja (**La nave y las tempestades. 12 v.**). Fundador, editor e colunista das revistas *Mikaele Gladius*, reside atualmente em Buenos Aires onde desenvolve atividades como docente, pregador e conferencista, ensinando Dogma e Patrística na Faculdade de Teologia de São Miguel, da capital argentina. É Doutor *Honoris causa* pelas Universidades Católicas de La Plata e Autônoma de Guadalajara.

### A obra

*El fin de lostiempos ysiete autores modernos*<sup>182</sup>, é resultado de uma série de conferências proferidas em 1995 sobre o fim dos tempos, sendo ali analisadas as obras de: Dostoiévski, Soloviev, Benson, Thibon, Pieper, Castellani e Wast (acrescido posteriormente). Destas, são consideradas as que o tema da Escatologia<sup>183</sup> é perpassado sob prismas distintos, com a singularidade de possuírem pontos de convergência não premeditada, em que pese a contemporaneidade e conterraneidade de seus autores. Assim, observa Sáenz (2008, p. 30<sup>184</sup>):

---

<sup>182</sup>Em tradução literal: O fim dos tempos e sete autores modernos. A princípio publicado *El fin de los tiempos y seis autores modernos*, com duas edições em 1996 (Buenos Aires: Gladius) e uma em 1997 (Guadalajara: A.P.A.C).

<sup>183</sup>Como grafado pelo autor: *esjatología*, do grego *ésjaton*= estudo das últimas coisas.

<sup>184</sup>Toda referência a esta obra aqui apresentada em livre tradução.

No desenrolar da leitura certas reiteraões serão perceptíveis. Isto mostra não somente a influência que os primeiros têm exercido sobre os mais recentes, como também a unidade de fontes e de critérios que os põe de acordo. A internacionalidade dos pensadores não deixa de ser esclarecedora: dois russos, um inglês, um francês, um alemão e dois argentinos se lançam ao estudo de um tema apaixonante como é o do fim dos tempos ou a *esjatologia*.

Utilizando a analogia da colcha de retalhos, o autor confeccionará sua colcha com os retalhos extraídos do pensamento de sete autores previamente selecionados, que implícita ou explicitamente tratarão da questão dos tempos finais, notoriamente o período em que as Escrituras correlacionam com o despontar histórico de um personagem ainda hoje envolto em aura misteriosa: o Anticristo, cuja íntima ligação com a sociedade que o forja – ao tempo em que por ele é forjada – representa tudo o que se opõe a Jesus Cristo, quem vindo em nome de seu Pai foi rejeitado pelo povo que escolhera (cf. Jo1, 11; 5, 43). Tal personagem será o principal responsável por instigar e reacender nos homens o antigo desidério de tornar-se deuses; de onde temos o antropocentrismo, habilmente abordado na referida obra em tantas nuances quanto são os escritores analisados por Sáenz.

### **O tema**

No concernente ao fim dos tempos optamos por destacar, dentre tantos, o matiz antropocêntrico que o permeia, que didaticamente pode dividir-se em: etimológico/semântico e histórico/filosófico. No primeiro temos que a expressão se origina da união do grego *anthropos*: homem, e do latino *centrum*: centro; significando que o homem passa a se perceber e considerar como o “centro do mundo e o fim — isto é, o ‘objectivo’ — de todo o resto do universo — assim como os planetas e as estrelas são apresentados no Génesis bíblico como ‘luminares’ colocados por Deus para iluminar a terra e os seus habitantes”.<sup>185</sup>

Com relação ao segundo, lemos<sup>186</sup>:

Neste período (transição do feudalismo para o capitalismo) surge um homem questionador, crítico, que externa seu pensamento, que problematiza a realidade. É a mudança de uma mentalidade baseada no Teocentrismo (tipicamente medieval) e a substituição dessa pelo Antropocentrismo, com o homem no centro do Universo a partir da qual esse homem se coloca como um ser racional, valorizando questões ligadas à matéria (...) um tempo que

---

<sup>185</sup>ANTROPOCENTRISMO. In: Sofos Expressões filosóficas. Disponível em: <<http://sofos.wikidot.com/antropocentrismo>>. Acesso em: 01 set. 2018.

<sup>186</sup>ANTROPOCENTRISMO. In: Portal São Francisco. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/antropocentrismo>>. Acesso em: 01 set. 2018.

valoriza a razão, o homem, a matéria, um tempo em que, ter prazer em viver não mais é reconhecido universalmente como pecado.

Em ambas definições o Antropocentrismo é em essência esse deslocar-se o centro das atenções, do transcendente ao imanente, portanto, do Criador à criatura/criação. Consoante com nossos limites, das várias características que compõem esta cosmovisão destaquemos três: a de que o termo possua associação diametralmente oposta a Teocentrismo; a de que deste modo esteja ligado não somente à Filosofia como à Teologia; a de que venha associado ainda a termos como Humanismo, Renascimento, Reforma, Capitalismo, Idade Moderna, Racionalismo, Liberalismo etc, pertencentes ao campo da História.

## **A COSMOVISÃO ANTROPOCÊNTRICA E SUAS CARACTERÍSTICAS NA PRESENTE OBRA**

Dixit insipiens in cor de suo: “Non est Deus”.(Ps XIV/XIII)

Extrairemos agora de nossa fonte principal como são pensadas e inseridas, pelos autores analisados por Sáenz, a ingerência da cosmovisão antropocêntrica no homem e a sociedade modernos, observando inicialmente, com Nacar-Colunga e sua exegese do presente salmo, o que pode perfeitamente se aplicar ao nosso contexto (tradução livre, sem paginação):

O salmista denuncia uma corrupção religiosa e moral que domina descaradamente a sociedade de seu tempo (1-3), e apostrofa os sacerdotes, considerados como principais responsáveis desta pesadosa situação (v.4), lançando contra eles uma terrível ameaça (5-6); terminando com uma súplica a Yahvé para que se restabeleça o bom sentido religioso e moral na sociedade (v.7).(SALMO 14 (13). IN: LA BIBLIA COMENTADA DE COLUNGA O.P.

Tal corrupção, assinalam os intérpretes, dá-se devido à estultice (incipiência) do homem materialista “[...] que crê encontrar a felicidade nas coisas da vida, e por isso crê poder organizar sua vida sem depender de Deus” (Id; Ibidem). Em que pese o destaque à corrupção clerical, muito em voga, note-se que a cosmovisão antropocêntrica, como visto, comporta, entre outras, este predicado materialista da imanência, propagado sobretudo pelo marxismo. A partir do que se convencionou Idade Moderna, tal predicado adquire

paulatinamente status de filosofia, ainda que o fim seja o de uma teologia, como aponta Siegmund (1966, p. 23-4):

Seria, não obstante, de todo insuficiente considerar o marxismo uma simples filosofia. O que lhe proporcionou sua assombrosa pujança, manifestada na vitória do bolchevismo, foram as energias de uma crença messiânica que julgam encontrar nele a realização de suas aspirações seculares.

Como atesta Ratzinger, Sáenz buscará, pela análise do elemento *esjatológico* contido no pensamento dos sete pensadores analisados, “oferecer uma aproximação inteligente e eclesial à questão do fim do mundo, frequentemente objeto de meras fantasias e também de programado esquecimento” (SÁENZ, 2008, p. 11, grifo nosso). Desta análise será extraída a cosmovisão antropocêntrica, portanto imanente e gnóstica, como veremos, posta sob matizes tão diversos quanto os autores analisados, introduzidos por breve resumo biográfico.

### **Em Dostoiévski**

O primeiro capítulo d’O fim dos tempos e sete autores modernos intitula-se FIÓDOR DOSTOIÉVSKI ou A Construção da Torre de Babel.

Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (Moscou, 1821 – São Petersburgo, 1881), foi um escritor e romancista de credo ortodoxo russo. Principais obras: Pobre gente, Humilhados e ofendidos, Memórias do subsolo, A Casa dos Mortos, Crime e Castigo, O Idiota, Demônios e Os Irmãos Karamazov.

Para Sáenz o matiz antropocêntrico em Dostoiévski, evidenciado de modo particular em obras como Crime e Castigo e Demônios, estará intimamente ligado à utilização que o homem faz de seu livre arbítrio. Como se verá abaixo, é o princípio do Liberalismo, mensurado segundo a volição humana, regulado segundo os “direitos humanos” cuja preponderância terá grande relevo na assim designada Nova Ordem Mundial (ROUSSEL, 2012; SANAHUJA, 2012), para alguns a retomada do antigo projeto da Babel babilônica (cf. Gên 11). Referindo-se aos personagens dostoiévskianos em geral e nestas duas obras em particular, diz Sáenz:

O homem da liberdade rebelde é o homem da barbárie, que sonha em ultrapassar os limites da própria natureza. Se o homem é totalmente livre, acaso tudo não lhe será permitido? Não poderá cometer o crime que o favoreça, até o parricídio, se fosse conveniente à própria exaltação? Acaso não deveria aspirar a ser Deus?(2008, p. 54)

Tal sobreposição dos limites contingentes parece ecoar o sibilar da antiga serpente, que ao propor à criatura o ser igual ao Criador, oferecendo-lhe do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o instigará, em última instância, ao poder sobre o da árvore da vida (cf. Gên 3). É o que encontramos na menção à teoria do Homem Superior de Raskólnikov, protagonista de Crime e Castigo, após o assassinato de uma velha usureira: “Tal é a teoria. Raskólnikov tratará de aplicá-la. O importante para ele é a mobilidade do crime, a questão de seu próprio poder: Se atreverá ou não? Será ‘Napoleão’, homem-deus, ou então uma criatura temerosa?” (op. cit.; loc. cit). A resposta virá do próprio personagem, indagando-se sobre o problema de fundo: “Estava capacitado a transgredir a lei ou não estava? Atreveria a transpassar os limites ou não?” (loc.cit). Para que tal ocorra forçoso será negar a fonte de sua limitação; de onde a sentença: “Se Deus não existe, tudo lhe será (ao homem) permitido” (loc. cit).

O desejo de uma liberdade sem limites torna-se o responsável, dentre outros, por toda ação criminosa que levada ao extremo com o homicídio e o suicídio contraditoriamente se revela um atentado à própria dignidade humana. Segundo Sáenz aqui reside a original contribuição de Dostoiévski: a da percepção do crime como algo metafísico, antes de psicológico e/ou sociológico. Um ato, portanto, “quase teológico”, como se verá a seguir.

No concernente às motivações do homicídio, assim aponta Sáenz(2008, p. 59, grifos nossos) ao concluir neste ponto a análise do protagonista de Crime e Castigo:

Como se vê, o crime não é para Dostoiévski a mera transgressão de uma lei humana. É um ato estritamente religioso, quase teológico. Ao assassinar, Raskólnikov não busca violar as leis da sociedade mas, sim, situar-se em um nível religioso, de autonomia rebelde, para substituir a Deus, começando por destruir sua obra [...] Foi um pecado de soberba levado ao extremo; mais que um pecado contra o quinto mandamento, uma violação do primeiro: “Não terás outro Deus além de mim”.

No tangente ao suicídio, ainda mais extremo, temos uma espécie de grau máximo de rebeldia autossuficiente. Somente apoderando-se da árvore da vida o homem julgará lograr-se criador. Para tal há de matar o maior de seus medos, o da morte. Assim o vemos em um singular diálogo de Demônios, entre dois dos cinco “demônios” protagonistas, Stavroguin e Kirilov, este um suicida (Ibid. p. 87):

- Quem se atreve a matar-se é Deus – diz Kirilov. Agora todos podem fazer com que não exista Deus nem nada. Mas ninguém o fez até agora nem uma só vez.
- Suicidas sempre existiram aos milhões.
- Mas nenhum por esta causa, todos com medo e não com esse fim. Não com o fim de matar o medo. Quem se mata só por isso, por matar o medo, esse imediatamente será Deus.

Por fim, em uma releitura de Disandro, Sáenz assim condensa a essência da contribuição dostoiévskiana ao tema ora tratado(Ibid., p. 69):

Bem assinalou Disandro, no breve ensaio sobre Dostoiévski, que a pretensão do grande romancista foi a de destacar o *lado caínico* do homem. Na tendência a intercalar crimes em suas diversas novelas, busca destacar um tema metafísico, manifestado pela primeira vez em Caim. E assim soube reunir, de maneira genial, em torno deste eixo, o mais medular de sua temática e instituições. Kirilov, um dos personagens de *Demônios*, vira suicida para fazer-se Deus, senhor da vida e da morte. Schigalev e os outros conspiradores concorrem no assassinato de Schatov. Ambos, Kirilov e Schigalev, organizam a “*antropoktonia*”, isto é, o assassinato do homem, como prelúdio de um solene deicídio, que culminará no Anticristo.

### **Em Soloviev**

O segundo capítulo intitula-se VLADIMIR SOLOVIEV ou A Grande Impostura do Anticristo.

Vladimir Sergueievich Soloviev (Moscou,1853-1900), foi um filósofo, teólogo, poeta e crítico literário oriundo do ortodoxismo russo. Principais obras: Princípios filosóficos do saber unificado, Lições sobre a humanidade de Deus e Crítica dos princípios abstratos, Fundamentos religiosos da vida e Três diálogos, obra póstuma em que se insere o Breve relato sobre o Anticristo.

De Soloviev destacaremos a ligação entre o binômio poder temporal/atemporal e cosmovisão teocêntrica/antropocêntrica. Neste sentido recorda Sáenz (2008, p. 123) que, para o primeiro: “Deus se fez homem na pessoa do Messias judeu no momento em que o homem se fazia deus na pessoa do César romano [...]”, constatando que Jesus não se limitara a reconhecer a autoridade deste homem-deus, pagando seu imposto, como o destinava ao seu lugar de direito ao demonstrar que o poder de César, dado sua condição contingente, não era ilimitado, mas subordinado a Outro, este sim absoluto porque eterno, infinito e autônomo. Disto resulta que:

Os que creem de verdade nas palavras de Cristo jamais admitirão o Estado separado do Reino de Deus, o poder temporal independente e soberano em

absoluto. Há um só poder na terra e este não pertence a César, mas a Jesus Cristo. Se a palavra relativa à moeda tirou de César a divindade, esta outra lhe retira a *autocracia*. Se quer reinar na terra já não pode fazê-lo por si, deve julgar-se *delegado* dAquele a quem todo poder foi dado na terra (Ibid; loc. cit).

Tal assertiva caminha em sentido oposto à visão antropocêntrica vigente, por exemplo, em nossa Constituição notoriamente influenciada pela revolução francesa liberal maçônica (OS PROTOCOLOS, 2001<sup>187</sup>; KLOPPENBURG, 1992) para a qual: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” (Art. 1, § 1, par. único).

Em contrapartida, assinala Sáenz(2008, p. 121):

[...] a verdadeira Cristandade, como escreve Soloviev, concretiza o caminho real entre duas heresias opostas: o liberalismo nestoriano e o pietismo monofisita. A primeira heresia queria separar definitivamente a Igreja do Estado, como Nestório separava em Cristo a humanidade da divindade. A segunda queria que o homem se limitasse à contemplação do divino, abandonando à sua própria sorte o mundo terreno, os estados, as nações; tal é a aplicação social do monofisismo que fazia com que a natureza humana de Cristo se perdesse em seu ser divino.

Mais à frente o autor destaca como este espírito herético atuará ao modo de uma marca registrada no Anticristo e seu reinado, sendo a heresia, como o é, fruto de um *amor sui* gerador de doutrinas como a do livre exame luterano<sup>188</sup>. O Breve relato sobre o Anticristo, de Soloviev, ao mencionar os predicados do personagem apocalíptico, assim o faz<sup>189</sup>: “Acreditava em tudo isso (o bem, Deus e o Messias), mas só amava a si mesmo. Cria em Deus, mas no mais profundo de sua alma, de uma forma quase inconsciente e instintiva, preferia a si que a Ele”. Tal postura essencialmente egocêntrica, observa Sáenz, “em linguagem agostiniana [...] é o ‘amor *sui*’, anteposto – se não oposto – ao ‘amor *Dei*’, a quintessência do espírito do mundo”<sup>190</sup>.

Por fim, Fanzaga (2010), em um paralelo entre os protagonistas das obras de Soloviev e Benson, observa que o primeiro o retrata como um ser físico, individual, enquanto o

---

<sup>187</sup> Em que pese as críticas à obra Os protocolos dos Sábios de Sião, o inserimos no rol de nossas fontes por três motivos, a saber: por não haver, até o momento, argumentos irrefutáveis contrários à sua autenticidade, o que pareceu-nos comprovado através da presente edição; pelos eventos nele “profetizados”, em muitos casos ter se cumprido e mesmo estar, atualmente, se cumprindo; por ter adquirido status de uma literatura universal, incluso no meio acadêmico, o que parece contradizer a tese desta obra como mera *fakenews*.

<sup>188</sup> Id., 2011.

<sup>189</sup> Id., 2008, p. 142.

<sup>190</sup> Op. cit, p. 143.

segundo como “[...] a oposição entre duas realidades: uma, maior e mais populosa, consistindo da humanidade ou dos que Benson chama de ‘os humanitários’ que afirmam nada existir superior ao homem e que consideram o homem como Deus.” Em ambos, um único projeto: (no dizer de Castellani) o da falsificação do Catolicismo, enfraquecendo-o para lograr sua destruição.

### **Em Benson**

O terceiro capítulo intitula-se *ROBERT H. BENSON ou A Sedução do Humanitarismo*.

Robert Hugh Benson (Salford,1871-1914), foi um escritor e sacerdote oriundo do anglicanismo.Principais obras:A Religião do Homem Médio, Os Paradoxos do Cristianismo, Confissões de um convertido, S. Tomás de Canterbury e O Senhor do Mundo (*The Lord of the Word*), escrita em 1907 e publicada no ano seguinte. Desta se ocupará Sáenz em sua análise.

“É necessário enorme Fé para renunciar a um Deus transcendente” (SÁENZ, 2008, p. 167), diz Juliano Felsenburgh, o “senhor do mundo”, em uma espécie, a um tempo, de autoapresentação e programa de governo. Encontramos assim, no Anticristo bensoniano, a essência do *ánomos* bíblico, modelo do homem antropocêntrico por excelência, que proclama: “Não mais clamores a um Deus-que-se-esconde, mas ao homem que havia descoberto sua própria divindade”<sup>191</sup>, o que remete à ideia de um panteísmo absoluto. Assim este personagem, ao ver-se como uma espécie de novo e definitivo Messias, não poupará esforços em colocar o mundo a seus pés, subjugando inicialmente as leis para em seguida erigir-se acima delas, na pretensão de que toda a humanidade lhe preste culto de latria.

Quanto à estratégia político-religiosa de Felsenburgh, esta se utilizará do elemento antropocêntrico traduzido em benemerência filantrópica a fim de implantar o seu Humanitarismo. Passado, porém, determinado tempo no governo das nações, alguns se atentarão ao fato de não ser a política a que ocupa o primeiro lugar nas preocupações do senhor do mundo, mas o tema religioso, que apresentará através de um evento portentoso, traduzido na substituição da “loucura cristã” [o Credo católico] pelo “Credo da Humanidade”, em que o homem imerso no panteísmo de um mundo satisfeito fará com que a filantropia tome o lugar da caridade, o paraíso na terra substitua a esperança, e a cultura, oferecida como *panis et circenses*, desbanque a fé. Em suma, que o homem seja o protagonista de sua “paz e segurança”, mas às custas de sua liberdade, posto que tais ofertas, como salienta o autor, não

---

<sup>191</sup> Ibid., p. 169.

são as de Cristo, mas do mundo. Desta forma vemos aqui retomada a figura d'O Grande Inquisidor dostoievskiano e sua cedência às tentações do deserto<sup>192</sup>.

### **Em Thibon**

O quarto capítulo intitula-se GUSTAVE THIBON ou A Ilusão do Paraíso na Terra.

Gustave Thibon, (Saint-Marcel d'Ardèche, 1903-2001), foi um filósofo e escritor francês. Principais obras: *L'ignorance étoilée*, *Nietzsche: Ou Le déclin de l'esprit*, *Diagnostics: Essai de psychologie sociale*, O Equilíbrio e a harmonia e Simone Weil: como a conhecemos.

A análise de Thibon tem por base o único drama teatral escrito por ele: *Vous serez comme des dieux*<sup>193</sup>, que décadas após a obra publicada, assim a descreve: “Desejando com todas as suas forças o poder material, o homem o obteve, mas, ao mesmo tempo, cedendo lugar ao homem que se torna seu rival, Deus parece ter-se retirado do mundo” (2008, p. 210).

A tônica é a do homem cujo domínio quase ilimitado da técnica experimenta um sentimento de independência ao nível do endeusamento, expresso na oferta da imortalidade mas ao preço da própria liberdade: uma espécie de imortalidade compulsória. Desta forma Amanda, a protagonista do drama, quem com a ajuda da ciência torna-se a primeira criatura a obter sua imortalidade, em dado momento se rebela contra este projeto de paraíso na terra, buscando exercer, pelo livre-arbítrio, o direito natural à morte a fim de encontrar-se com o Transcendente.

O elemento antropocêntrico da trama é assinalado pelo progresso, a partir do séc. XIX, de uma técnica e ciência baseadas na compreensão pelo homem dos elementos da natureza ao ponto de manipulá-los com precisão até então jamais vista. Em coro a Thibon, observa Fort (1953, p. 21): “A queda narrada no Gênesis não procede absolutamente da tentação do fruto delicioso; tampouco procede da tentação do conhecimento; procede expressamente do *Eritis sicut dii*, a antítese do *Fiat* da Virgem”.<sup>194</sup>

A singularidade da abordagem thiboniana, ressalta Sáenz, se dá no contraponto entre imortalidade e eternidade. Pela boca de Amanda, na sentença feita pouco antes de sua morte a sua mãe, e com a que abria mão de sua imortalidade compulsória, lê-se: “Renuncio à imortalidade que tenho, pela eternidade que espero. Com todo o peso desta vida ilimitada que

---

<sup>192</sup> Personagem da parábola narrada por Ivan ao irmão Alioscha em *Os Irmãos Karamazov*.

<sup>193</sup> Vós sereis como deuses (tradução livre).

<sup>194</sup> Sereis como deuses

sofro e que renuncio, escolho a morte!”<sup>195</sup>. Tem-se aqui o confronto entre o paraíso terrestre proposto pelos ideais materialistas e o real anunciado por Jesus Cristo em seu Evangelho. Em uma decisão irrevogável a personagem decidirá pelo segundo: “Que me importa esta vida que não acaba? Eu quero acabar, eu quero realizar-me [...] Nossos avós eram efêmeros e eternos. Nós não morremos porque estamos mortos”<sup>196</sup>, dilema que Sáenz concluirá em sintético axioma: “Ela não queria existir, queria ser”<sup>197</sup>.

### **Em Pieper**

O quinto capítulo intitula-se JOSEF PIEPER ou O Apocalipse no Mistério da História.

Josef Pieper (Westfália, 1904 –Münster, 1997), foi um filósofo e escritor alemão. Principais obras: Sobre a esperança, Catecismo do cristão, Sobre o fim dos tempos, Esperança e História, Defesa da filosofia, Morte e imortalidade, A fé ante o desafio da cultura contemporânea, Uma teoria da festa e As virtudes fundamentais.

Este pensador abordará, como o anterior, o papel da ciência e tecnologia em sua estreita ligação com a escatologia, mas sob o aspecto do sentido da história. Nos interessará a análise de Sáenz sobre a breve crítica feita por Pieper ao que chamará de falsas escatologias, das que sublinhará três: a de Immanuel Kant (1724-1804), Teilhard de Chardin (1881-1955) e Ernst Bloch (1885-1977).

De Kant, quem influenciado pela atmosfera revolucionária<sup>198</sup> acreditava despontar-se naquele momento a realização do Reino de Deus, se criticará o otimismo eufórico. Este reino, que deveria necessariamente efetivar-se na terra, tinha que para tal ir paulatinamente substituindo a fé eclesial<sup>199</sup> pela fé religiosa, que em Kant nada mais é que a da razão pura, arraigada forçosamente de forma geral e particular na sociedade. Assim a traduz Pieper (apud SÁENZ, 2008, p. 250): “Se a substituição da fé eclesial pela fé da razão em algum lugar, como por exemplo, na França da Revolução, conseguiu ‘publicamente’, isto é, estatalmente, um reconhecimento legal, então ‘se pode dizer com razão que o reino de Deus chegou a nós’.”

---

<sup>195</sup> Op. cit. p. 236.

<sup>196</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>197</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>198</sup> Da revolução francesa (1789-1799).

<sup>199</sup> Da Igreja Católica.

No concernente a Chardin e sua escatologia se destacará a ênfase no apocalipse intra-histórico, cujo desfecho se dá com o clímax da evolução do homem ao “Cristo cósmico”, referência maior do panteísmo chardiniano.

De Bloch, essencialmente marxista, temos retomado sob esta ótica o mote do paraíso na terra, de um reino de Deus sem Deus, com o acréscimo de que para se obter este paraíso de perfeição há que forçosamente fazer com que o mundo seja transformado pelo socialismo e sua cosmovisão imanente.

Nas críticas de Pieper a tais escatologias, notoriamente influenciadas pelas revoluções maçônicas francesa e socialista (DELASSUS, 1910), um elemento se sobressai. Em um mundo onde o fator humano deseja sobrepor-se ao tempo e ao espaço, surge a profecia, elemento indissociável da Revelação, que transcende a humanidade, e sem a qual este homem ainda tatearia em densas trevas.

### **Em Castellani**

O sexto capítulo intitula-se LEONARDO CASTELLANI ou A Esjatologia como Drama Teológico.

Luis Leonardo Castellani (Reconquista, 1899 – Buenos Aires, 1981), foi um sacerdote jesuíta, jornalista e escritor argentino. Principais obras: *Camperas: Bichos y personas*, *Cartas de um demonio a otro*, *El Apokapilsis de San Juan*, *El Evangelio de Jesu Cristo*, *Freud en cifra*, *Los papeles de Benjamín Benavidez*, *Su Majestad Dulcinea* e *Cristo ¿vuelve o no vuelve?*

Como aponta o título do presente capítulo, Castellani exporá a narrativa apocalíptica ao modo de um drama teológico, com enredo, cenários, personagens etc.

Desta exposição, sublinhamos o elemento extrínseco da profecia apocalíptica, que para Castellani significa que o fim histórico, além de indubitável será consequência de um fator não humano, consonante à Segunda Vinda de Jesus Cristo, não apenas “um grande homem”, como o vê o pensamento moderno, mas “Homem-Deus” (SÁENZ, 2008, p. 302, grifo nosso):

Bem assinala Castellani que todo o mundo, ou quase, aceita que Cristo existiu, que nasceu em Belém. Tanto Rousseau como Renan, tanto os modernistas como os judeus o reconhecem como um grande homem de nossa raça, e de certo modo como Deus, sem muito conjecturar se esse modo é o de Ário, o de Nestório, o de Maomé, ou o de Dante e Tomás de Aquino. Mas o que distingue os verdadeiros cristãos é sua fé na Segunda Vinda. “Hoje em dia ser verdadeiro cristão é desesperar de todos os remédios”

humanos e renegar todos os pseudo-salvadores da Humanidade que da Reforma para cá surgem continuamente com (suas) panaceias universais”, escreve Castellani.

Temos assim os dois fatores distintivos do homem teocêntrico: de um lado a aceitação de Jesus Cristo como Deus, que ressuscitou, ascendeu e retornará “do mesmo modo que o vistes ir para o céu” (At 1, 11), de outro, a esperança posta não em pseudo messias e suas “panacéias universais”, mas naquele, único na história, quem se intitulou *Via, Veritas et Vita* (cf. Jo 14, 6).

### **Em Wast**

O sétimo e último capítulo intitula-se HUGO WAST ou Temas e Personagens do Apocalipse.

Hugo Wast (Córdoba, 1883 – Buenos Aires, 1962), pseudônimo literário do argentino Gustavo Martínez Zuviría, foi um dos maiores e mais traduzidos escritores das Américas, além de político e diplomata. Principais obras: Dom Bosco e seu tempo, Vale negro, A casa dos corvos, *Flor de Durazno*, *Fuente sellada*, Joana Tabor, 666 e o Sexto Selo<sup>200</sup>.

Por fim, de Wast se mencionará a descrição que faz de um dos personagens de Joana Tabor e 666, que no texto apocalíptico é designado como a Besta da Terra, ou Falso profeta (cf. Ap 13, 11-15; 16, 13). É denominado Frei Simão de Samaria, da moribunda Ordem dos Gregorianos, e que pelas mãos do Anticristo, Ciro Dan, se tornará Simão I, Papa, cuja peculiaridade é o de ser da mesma nacionalidade do autor.

Deste personagem de pretensões megalomaníacas interessará a auto análise que faz, quando ainda um simples sacerdote. Com ela, os traços notoriamente centrados na criatura que, vendo-se bem dotada, acaba por desconhecer e desprezar a procedência de seus dotes. É de notar que não sem ironia Wast situa esta auto avaliação no que superficialmente poderia ser tomada como uma oração dialogal, mas que não vai além de egocêntrico monólogo:

Acreditava sinceramente, ao ponto de conversar com o próprio Deus quando meditava: “Senhor, Senhor, me sinto como Daniel, homem de desejos, *vir desiderium es tu* (cf. Dn 9, 23). Tenho a consciência de que trago comigo todas as energias de uma nova crença. Minha missão é reconciliar o século com a religião no terreno dogmático, político e social. Sinto-me sacerdote até a medula dos ossos; mas tenho recebido do Senhor um segredo divino: a Igreja de hoje não é senão o gérmen da Igreja do porvir, que terá três

---

<sup>200</sup> Estas três últimas, as analisadas por Sáenz no presente livro.

círculos: no primeiro caberão católicos e protestantes, no segundo judeus e mulçumanos; no terceiro idólatras, pagãos e ainda ateus [...] Começarei só, em mim mesmo, o perfeito reino de Deus [...] Sou o primogênito de uma nova aliança”(apud SÁENZ, 2008, p. 362-3).

O que merecerá de seu superior, Frei Plácido, a prudente e sábia advertência: “Cuidado, Simão, com o amor próprio, cuidado com a soberba. Tal foi o pecado de Lúcifer, uma autoadmiração tal que foi apartando-se da fonte de suas qualidades. Cuidado com o deleitar-se em teus talentos e teu atrativo”<sup>201</sup>. Tal advertência aponta não somente ao cerne da cosmovisão antropocêntrica impregnada a partir da Queda Original como, por assim dizer, ao remédio, senão à cura, ao menos ao tratamento desta patologia espiritual: a virtude da humildade.

## **A COSMOVISÃO ANTROPOCÊNTRICA NOS TEMPOS FINAIS**

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; Este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular (Declaração Universal dos Direitos Humanos - Artigo XVIII, grifos nossos).

“A verdade é a adequação da ideia ao objeto” (Isaac Israeli)

Neste ponto pretendemos cotejar de que modo o pensamento antropocêntrico, antevisto para os tempos finais como o predominante, vem logrando cada vez mais espaço no corpo social em via de mão dupla: do indivíduo à sociedade, e desta àquele.

Tomemos inicialmente o Novo Testamento, cujo contexto quando de sua composição possuía em muitos aspectos características semelhantes ao nosso (WOODS, 2008; OBEID, 2010; CALMEL, 2016). São Paulo já alerta sobre este pensamento em sua carta aos Romanos (cf. 1, 18-32), servindo como antítipo ou figura dos dias atuais. É, porém na segunda carta a Timóteo(3, 1-4), discípulo e bispo de Éfeso, que faz a precisa admoestação:

Sabe, porém, isto, que nos últimos dias virão tempos difíceis: haverá homens egoístas, avarentos, altivos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, malvados, sem afeição, sem paz, caluniadores, incontinentes, desumanos, sem benignidade, traidores, protervos, orgulhosos, mais amigos dos prazeres do que de Deus.

---

<sup>201</sup> Ibid., loc. cit.

Da longa adjetivação, é de notar o número de comportamentos inerentes ao predomínio do “eu”: egoísmo, avareza, altivez, soberba/orgulho, desobediência, calúnia, incontinência, maldade, protéria, característicos dos que o apóstolo chamará “mais amigos dos prazeres do que de Deus”. Já em seu discurso escatológico Jesus Cristo faz um paralelo entre a humanidade do porvir com a dos tempos pré-diluvianos, em que: “Comiam e bebiam, tomavam mulheres e davam-se em núpcias” (Lc 17, 27). Sobre esta passagem escatológica, especialmente no que concerne ao Anticristo, quem promoverá a libertinagem hedonista a níveis nunca vistos, encontramos no dominicano S. Vicente Ferrer a profecia abaixo:

[...] dará grandes honras aos cavaleiros, e grandes dignidades aos eclesiásticos, e lhes dará um grande poder sobre muitas coisas da terra, para que assim tenham eles lugar e poder de pôr em execução todos os pecados e vícios deste mundo, a saber, bem comer e bem beber, e fazer luxúrias e carnalidades [...] (FERRER, 2018, p. 55).

O também dominicano S. Tomás de Aquino, em seu Comentário a Tessalonicenses (2015, p. 139), dois séculos antes observava o nível de audácia deste personagem:

Com efeito, a soberba do Anticristo é maior do que a de todos os precedentes. Por isso, como se lê sobre Caio César, que quando ainda vivo quis ser adorado, pondo uma estátua sua em certo templo, e como se diz em Ezequiel (28,8) sobre o rei de Tiro: *disseste: Eu sou Deus*, assim é crível que o Anticristo faça o mesmo, dizendo ser Deus e homem.

Por fim, S. Pio X assim colocava a questão da ascensão desse Anticristo, com base no observado na sociedade de sua época (PIO X, 1903, não paginado, ESA 6):

Quem pesa estas coisas tem direito de temer que uma tal perversão dos espíritos seja o começo dos males anunciados para o fim dos tempos, e como que a sua tomada de contacto com a terra, e que verdadeiramente o filho de perdição de que fala o Apóstolo (2 Tess 2,3) já tenha feito o seu advento entre nós, tamanha é a audácia e tamanha a sanha com que por toda parte se lança o ataque à religião, com que se investe contra os dogmas da fé, com que se tende obstinadamente a aniquilar toda a relação do homem com a Divindade!

Como fundamento desta heresia maximamente antropocêntrica, tem-se o Liberalismo ou pensamento liberal notoriamente idealizado, difundido e mantido pela Maçonaria (DELASSUS, 1910 – elogiado pelos papas Leão XIII e Pio X pelo presente trabalho).

O Liberalismo, conforme assinalam autores como Roussel, Obeid, Camel, Chesterton, Sáenz e outros, parte do princípio do Homem como medida de todas as coisas, princípio e fim de si mesmo. São Paulo, ao designar o Anticristo como *anthrōpostēs anomias*, o Homem sem lei (cf. 2 Tes 2, 3), e Jesus, ao dizer que aquele, quando surja, virá em seu próprio nome, sendo recebido desta forma pelos homens sedentos da glória humana (cf. Jo 5, 39-44), apontam na direção de alguém que não somente crê possuir a divindade em si mesmo, colocando-se, naturalmente, acima das leis, como que conduzirá a humanidade a semelhante caminho, no que foi designado como a grande apostasia, em boa medida já atuando em nossos dias.

O pensamento liberal, base, por exemplo, do trinômio revolucionário *libertè, egalitè, fraternitè*, tem sua própria base em outro princípio, o gnóstico. Tomaremos de Souza (2013, p. 39) o necessário ao entendimento deste, mas em consonância com o tema aqui abordado:

A gnose postula que os homens são uma centelha (as partes) integrante do Universo (o Todo), sendo as primeiras essencialmente partícipes do Todo divino. Esse Todo ao conectar as partes o faz de diversos modos, incluindo o que aqui se anuncia em Jung. Expressões como, p. ex., “aldeia global”, ao pensamento panteísta e gnóstico recebem tal conotação, a de partes de um mesmo Todo conectadas inseparável e irremediavelmente.

Daí que ao pensamento gnóstico-panteísta o modelo de verdade a ser defendido será o de uma verdade subjetiva e coletiva, pois resulta da união das várias *partes* possuidoras da “verdade universal” (cf. FEDELI, 2011). Não há que falar, por isso, em uma verdade objetiva extrínseca ao homem; por ser ele uma “centelha divina”, espécie de microdeus, a verdade não estará fora de si, mas dentro [...]

Crendo-se, portanto, o homem um ser divino, mas não como revelado (cf. Sl 8), ao tempo em que a realidade o mostra limitado e contingente terá, forçosamente, a exemplo do casal edênico, de apelar a forças superiores a fim de obter a divindade almejada. Fedeli (2011) observa que tal atitude, como outrora, descambará necessariamente em magia e satanismo, próprios da mentalidade gnóstica e panteísta. Não por acaso se verá, a partir do renascimento da cultura pagã, o cada vez crescente incentivo ao culto das “forças ocultas”, da magia, a astrologia, o esoterismo, bem como as diversas formas de divinização das forças da natureza e do homem. De onde a sagaz percepção de Dostoiévski: “O homem não pode viver sem ajoelhar-se, não se suportaria, ninguém seria capaz disso. E se a Deus se rejeita, ante um ídolo se inclina, de madeira, de ouro, ou imaginário. Idólatras são todos, não ateus”(apud SÁENZ, 2008, p. 84).

Não por acaso nomenclaturas como: Nossa Diversidade Criativa: Uma Ética Global para a Governança Global; Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural; Carta da Terra

e a Ética Planetária, sintomaticamente inseridas em e propagadas por organismos ligados à Organização das Nações Unidas (com órgãos membros como a Unesco<sup>202</sup>, Unicef<sup>203</sup>, OMS<sup>204</sup> etc), possuem estreita ligação com a Nova Ordem Mundial (*New World Order*) de sintética terminologia, mas complexa semântica. Esta intrincada engrenagem, nos diz Sanahuja (2012), através de inúmeros artifícios como os do divórcio, o aborto, a eutanásia, a ideologia de gênero, o feminismo etc, será a responsável por erradicar, ou antes adulterar, a considerada *old order*, a velha ordem legada pelo Cristianismo, notoriamente a Igreja Católica responsável pela construção da civilização Ocidental (WOODS JUNIOR, 2008).

Os exemplos abaixo conferem uma rápida noção do pano de fundo de algumas leis e costumes implantados neste sentido nas últimas centúrias.

Nos Protocolos dos Sábios de Sião (2001, p. 33) vemos a bimilenar aversão aos cristãos e à Igreja por determinado segmento judaico, já descrita em todo o Novo Testamento<sup>205</sup>:

Em *La Libre Parole* de Paris, no número de novembro de 1933, a página 27, encontra-se este pedacinho notável:

“Durante séculos – dizia o Rabino Reichhorn em 1869 – os Filhos de Israel, desprezados e perseguidos, trabalharam para abrir o caminho do poder. Chegam à meta. Controlam a vida econômica dos malditos cristãos e sua influência é preponderante sobre a política e os costumes. Na hora que quiserem, de antemão fixada, desencadearão a revolução que, arruinando todas as classes da cristandade, escravizará definitivamente os cristãos. Assim se cumprirá a promessa de Deus feita a seu povo”.

Em seguida temos no “Relatório Kissinger” uma estratégia de controle populacional cujas principais metas incidirão sobre a família nos moldes tradicionais (SCALA, 2004, p. 337):

O “status” e a utilização das mulheres nas sociedades dos países menos desenvolvidos são particularmente importantes na redução do tamanho da família. Para as mulheres, o emprego fora do lar oferece uma alternativa para o casamento e maternidade precoces, e incentiva a mulher a ter menos filhos após o casamento. A mulher que deve ficar em casa para cuidar de seus filhos tem que renunciar à renda que poderia ganhar fora do lar. As pesquisas mostram que o emprego remunerado da mulher fora do lar está relacionado com a redução da fertilidade (NSSM 200, Implications of World wide Population Growth for US Security and Over seas Interests p. 151).

---

<sup>202</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

<sup>203</sup> Fundo das Nações Unidas para a Infância.

<sup>204</sup> Organização Mundial de Saúde.

<sup>205</sup> Cf. Mt 27, 40; At 2, 22s; 1 Cor 1, 22s; Ap 11, 7s.

Por fim, Gueydan de Roussel (apud OBEID, 2010, p. 226-227, tradução livre), ao falar da estratégia de secularização da sociedade com a conseqüente divinização do homem e suas etapas, aqui nos aponta uma delas, sintomática dos dias atuais em que elementos esotéricos como o da exaltação à “Mãe Terra”, pertencentes à *New Age*, estão em voga:

O Renascimento havia divinizado a natureza, sem dar-lhe ainda atributos divinos. Humanistas como Bodin, Montaigne ou Charron falam dela como uma benfeitora divina, mas somente nos séculos XVII e XVIII é que se converterá em um deus soberano, e terá o poder de criar e de regenerar. Hobbes pôs a natureza sobre o trono – “Deus é o rei dos reis pela Natureza” (Prefácio de *De Cine*) –, a fim de explicar a origem da justiça do príncipe: “A fonte e origem da justiça está na lei da Natureza” dizem no *Leviatã*. Um século mais tarde, Louis-Sébastien Mercier confirmará: “Então a justiça falou pela voz da Natureza, soberana legisladora, mãe das virtudes e de tudo o que é bom sobre a terra” (An. 2440, Londres, 1776, p.72); Morelly redigirá seu famoso *Código da Natureza* (1775), e d’Holbach seu *Catecismo da Natureza* (1790). Além disso, vimos como a natureza se tornou uma fonte de justiça, tomando o lugar de Cristo.

Não será difícil deste modo entender os câmbios cada vez mais céleres rumo a um endeusamento do homem ou da natureza, seja através do culto ao corpo, à Terra, incluindo aí os animais<sup>206</sup>, vegetais<sup>207</sup> e mesmo os inanimados<sup>208</sup>: é o *ανθρωπος* e suas criações tomando o lugar d’O Θεός.

De tudo o acima exposto podemos concluir com Sáenz (2008, pp. 324-325):

Muitos creem que o liberalismo está nas antípodas do comunismo. Nada mais longe da realidade já que, como o demonstrou tenazmente Dostoiévski, o segundo, esse espírito anfíbio que sai da boca da Besta, é filho do primeiro. Tanto o liberalismo como o marxismo têm todas as características de uma religião. Mas se acaso não ficar claro, o modernismo, que aos olhos de Castellani é o fundo comum daquelas duas ideologias contrárias, ainda que não contraditórias, algum dia as unirá estreitamente pela obra do Pseudopofeta. “O ‘coaxar’ do liberalismo é ‘liberdade, liberdade, liberdade’; o ‘coaxar’ do comunismo é ‘justiça social’; o ‘coaxar’ do modernismo, de onde nasceram os outros e os reunirá um dia, poderíamos apontar-lhe este: ‘Paraíso na terra’; Deus é o Homem; o homem é Deus”.

---

<sup>206</sup> Cf.: **Arábia Saudita torna-se primeiro país a conceder cidadania para um robô**. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2017/10/arabia-saudita-torna-se-primeiro-pais-conceder-cidadania-para-um-robo.html>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

<sup>207</sup> Cf.: **Não é ético ter filhos biológicos**: o que pensa uma adepta do Antinatalismo. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43578086>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

<sup>208</sup> Cf.: **Casou com uma estação de trem e garante ter “sexo mental” com ela**. Disponível em: <<https://romadesempre.blogspot.com/2018/11/casou-com-uma-estacao-de-trem-e-garante.html>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese a envergadura de um tema desta natureza, buscamos aqui oferecer elementos que contribuíssem ao debate, deixando em aberto a discussão de seus desdobramentos, como a verificação das consequências da incidência do pensamento antropocêntrico no corpo social (economia, política, cultura) e espiritual (religiões, cultos, relação com Deus), bem como possíveis soluções ao nível de contraponto a uma cosmovisão que pelos frutos pode-se considerar de má cepa.

Há pouco mais de uma centúria os livros de literatura falavam-nos de um “mal do século”, que passou a incidir sobre a sociedade, maximamente aos de temperamento melancólico e fleumático como, por exemplo, os artistas. Este “mal” não era outra coisa que a depressão, cuja consequência, não raro, se traduzia no suicídio, ou abandono aos vícios os mais diversos, o que acabava por produzir efeito análogo. Em nosso país notórios foram os casos de escritores como Lima Barreto (1881-1922), ou inventores como Santos Dumont (1873-1932). À guisa de exemplo, temos em uma canção popular, *Chatterton*, o que segue: “Chatterton suicidou, Kurt Cobain suicidou, Getúlio Vargas suicidou, Nietzsche enlouqueceu, e eu não vou nada bem”. Atualmente esse mal vem associado a diversas neuropatologias como a da síndrome do pânico, a bipolaridade, a esquizofrenia, sem falar nos diversos transtornos psicológicos como os ligados à crise de identidade, em muitos casos urdida pela nefasta ideologia de gênero fruto do pensamento liberal, que aqui se vale do princípio do livre exame luterano.

Contraditória mas compreensivelmente a criatura, ao passo que se rebela contra o Criador, na frustrada tentativa de pôr-se em seu lugar, ou – em uma espécie de eterna imaturidade – recusando a colocar-se sob a tutela divina, acaba por suprimir o que mais apregoa e exalta: sua dignidade humana.

Embora não seja o ponto central do presente trabalho, nos permitiremos uma sucinta mas imperiosa digressão sobre a observação inicial de Ratzinger em relação ao “programado esquecimento” do tema do fim dos tempos, pertencente à escatologia, de modo especial pela Igreja, o que acabou por conferir a diversos segmentos acatólicos a primazia sobre matéria pertencente à jurisprudência eclesiástica, posto que à Igreja compete a palavra sobre Fé e Moral.

Por esse motivo ao resgatar este tema, e pelo viés dos autores supracitados, a maioria dos quais pouco familiarizados de nosso público lusófono, Sáenz nos presta um não pequeno

serviço. Sua colcha de retalhos permite ao homem cômico de seu ser contingente, bem como da lógica e razoável existência de um Ser necessário desprovido de limitações, compreender a racionalidade de se reconhecer e render culto a este Ser que é sua causa, o que em nada diminui a dignidade humana, ao contrário, eleva-a.

Santo Agostinho nos diz que o erro não deve ter direitos ou liberdades, posto que se a ele for dado livre curso acabará por suprimir a verdade, a bondade e a beleza. Disso se infere que a liberdade foi-nos obsequiada não sem as devidas margens limítrofes, dada a condição fronteira de toda criação: “Come de tôdas as árvores do paraíso, *mas não [...], porque [...]*” (Gn 2, 16s, grifo nosso). Na ânsia de romper as barreiras movido pela instigação sibilina, o homem deixa de reconhecer e admitir a matéria com a qual foi feito, que extraída “do pó da terra”, situa-se embaixo, não obstante estar acima das demais criaturas materiais, composto que é de alma imortal.

Assim que através de sucinto e modesto pincelar da obra *O fim dos tempos* e sete autores modernos, acreditamos ter logrado o que aqui objetivamos: oportunizar, à luz da referida obra, a compreensão basilar da cosmovisão antropocêntrica, em suas causas e consequências. Deste modo, retornemos à personagem thiboniana Amanda de *Vous serez comme des dieux*. Recusando-se à uma liberdade compulsória, onde a imortalidade se dissociava da eternidade; onde o paraíso na terra não passava de ilusão e arremedo; onde ainda não podia ser considerada responsável por seus atos, Amanda escolhe o direito à morte para seguir viva, o que nos põe diante das palavras daquele que não veio em seu próprio nome, conferindo ao homem a sua dignidade no reconhecimento de seus limites: “Pois, que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma?” (Mc 8, 36).

Sendo a realidade objetiva o que nos confere a verdade (Israeli), tal reconhecimento, traduzido na admissão de nossa contingência, é que dirá não estarmos no centro por não sermos, para ficar em um exemplo, nem onipresentes, nem oniscientes tampouco onipotentes. Se a ideia se adequar a esta verdade, poderá então o homem viver na humilde, mas tranquila e confiante certeza de que é, por essência, dependente. Dependente de um Deus. Não um Deus qualquer, mas um Deus que se fez Homem e que habitou entre nós.

## **RESUMEN**

Entre los varios matices que constituirán el escenario del Fin de los Tiempos, uno de ellos trae en su seno la retomada en máximo grado del Antropocentrismo. El presente artículo, con el fin de proporcionar elementos a la comprensión basilar de la cosmovisión antropocéntrica en el contexto escatológico, se sirvió de forma especial, de la obra *El fin de los tiempos* y siete

autores modernos, de Alfredo Sáenz. Para ello, primero se hizo una breve presentación del autor, de la obra y del tema en pauta. En seguida, como el sesgo antropocéntrico fue abordado en la referida obra, puntualmente en cada uno de los autores analizados por Sáenz. Después, por las Escrituras, la Tradición y el Magisterio, como se manifestará, al final de los tiempos, este espíritu de no servir, expresado en el rechazo a las leyes divina y natural, del cual el pensamiento liberal o simplemente liberalismo es su máximo exponente. A esto se añadieron ejemplos de teorías responsables de dar fundamento y estímulo a esa cosmovisión, cuyos efectos prácticos hoy en día se pueden interpretar quizá como precedentes de los signos de los tiempos mencionados en el Evangelio (Mt 24, 4-8). Las consideraciones finales vienen con el fin de dejar abiertas las puertas a los necesarios desdoblamientos.

**Palabras-clave:** Antropocentrismo. Fin de los Tiempos. Doctrina. Escatología. Teología. Filosofía.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira religião**. Disponível em: <file:///C:/Users/Notebook%20Dell/Downloads/Sto%20Agostinho\_A%20Verdadeira%20Religião.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Comentário a Tessalonicenses**: Edição bilíngue. Porto Alegre: Concreta, 2015. 175 p. Tradução de Tiago Gadotti.
- BENTO XVI; SEEWALD, Peter. **Luz do mundo**: o papa, a igreja e os sinais dos tempos - uma conversa com Peter Seewald. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BENSON, Roberto Hugh. **O Senhor do mundo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1930. 436 p. Tradução autorizada por F.L.
- CALDERÓN, Padre Álvaro. **Prometeo, la religión del hombre**: ensayo de una hermenéutica del Concilio Vaticano II. Buenos Aires: Río Reconquista, 2010. 324 p.
- CALMEL, Padre Roger. **Teología de la Historia**: una exhortación ante la angustia de nuestro tiempo. Buenos Aires: Río Reconquista, 2016. 186 p.
- CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 1992. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)>. Acesso em: 02 set. 2018.
- CASTELLANI, Leonardo. **El apokalypsis de San Juan**. 5. ed. Buenos Aires: Vórtice, 2005. 299 p. Disponível em: <<http://www.ajm.org.ar/biblioteca/LeonardoCastellani-El%20Apokalypsis%20De%20San%20Juan.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2018.
- \_\_\_\_\_. **Cristo ¿vuelve o no vuelve?** 3. ed. Buenos Aires: Vórtice, 2004. 289 p.
- CHESTERTON, G. K. **O homem eterno**. Campinas: Ecclesiae/Cedet, 2014. 326 p. Tradução de Ronald Robson.
- CONSTITUIÇÃO (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

FANZAGA, Padre Lívio. **Uma comparação entre os Anticristos de Vladimir Soloviev e Robert Benson**. Disponível em: <<http://speminaliumnunquam.blogspot.com.br/2010/05/uma-comparacao-entre-os-anticristos-de.html>>. Acesso em 15 ago. 2018.

FEDELI, Orlando. **Antropoteísmo: A religião do homem**. São Paulo: Celta, 2011.

FERRER, São Vicente. **Sermões de São Vicente Ferrer: o Anticristo e o Juízo Final**. Matias Barbosa-MG: Martyria, 2018. 124 p. Transcrição, tradução, adaptação e notas de Javier O. Ravasi. Tradução e notas de Airton Vieira.

FORT, Gertrud von Le. **A mulher eterna: a mulher no tempo, a mulher fora do tempo**. Rio de Janeiro: Agir, 1953. 158 p. Tradução de José Geraldo Vieira. Disponível em: <<http://alexandriacatolica.blogspot.com>>. Acesso em: 08 out. 2018.

HOUSSEL, Pe. Augustin. **Liberalismo e catolicismo**. Nova Friburgo/RJ: Ed. Mosteiro Santa Cruz, 2012. 158 p. Tradução de Adilson Soares de Almeida.

KLOPPENBURG, Dom Boaventura. **Igreja e Maçonaria: conciliação possível?**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992. 272 p.

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO: Texto original completo. São Paulo: Centauro, 2003. 150 p. Tradução de Paulo Ferreira Leite.

OBEID, Rafael Luis Breide. **Teología política según Gueydan de Roussel**. Buenos Aires: Gladius, 2010. 308 p.

PIO X. **Carta Encíclica E. Supremi Apostolatus**. Vaticano: 1903. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-x/la/encyclicals/documents/hf\\_p-x\\_enc\\_04101903\\_e-supremi.html](http://w2.vatican.va/content/pius-x/la/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_04101903_e-supremi.html)> [Disponível em português em: <<https://www.veritatis.com.br/e-supremi-apostolatus-pio-x-04-10-1903/>>]. Acesso em 08 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Pascendi Dominici Gregis**. Vaticano: 1907. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-x\\_enc\\_19070908\\_pascendi-dominici-gregis.html](http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html)>. Acesso em 08 nov. 2018.

SÁENZ, Alfredo. **El fin de los tiempos y siete autores modernos**. 4. ed. Buenos Aires: Gladius, 2008. 387 p.

\_\_\_\_\_. **La Cristiandad y su Cosmovisión**. 2. ed. Buenos Aires: Gladius, 2007. 396 p.

\_\_\_\_\_. **La reforma protestante**. Buenos Aires: Gladius, 2011. 482 p. (La nave y las tempestades). Tomo 6.

SANAHUJA, Juan Claudio. **El Desarrollo Sustentable. La Nueva Ética Internacional**. Buenos Aires: Vórtice, 2003.

\_\_\_\_\_. **Poder global e religião universal**. Campinas: Katechesis/Ecclesiae, 2012. 205 p. Tradução de Liège Carvalho.

SCALA, Jorge. **IPPF: A multinacional da morte**. Anápolis: Múltipla Gráfica e Editora, 2004. 418 p. Tradução de Pe. Luiz Carlos Lodi da Cruz.

SIEGMUND, Georg. **O Ateísmo moderno: história e psicanálise**. São Paulo: Loyola, 1966. 381 p. Tradução de Bruno Rabuske e Frederico Laufer.

SOLOVIEV, Vladimir. **Breve história sobre o anticristo**. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2016. 64 p. Traduzido do espanhol Breve relato sobre el Anticristo.

SOUZA, Airton Vieira de. **Beber, cair e levantar**: um olhar sobre o discurso “forrozeiro” no município de Pacaraima. 2013. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras com Habilitação em Espanhol) – Universidade Estadual de Roraima, Pacaraima, 2013. [Orientador: Prof. Esp. Antônio Hilário da Silva Filho].

WOODS JUNIOR, Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008. 222 p. Tradução de Élcio Carillo.